

APRENDIZAGENS, AFETOS E DESAFIOS: DOCÊNCIA E DISCÊNCIA EM CONTEXTO PANDÊMICO DA COVID-19

*Fernanda Priscila Alves da Silva**

RESUMO

O contexto de pandemia, devido ao COVID-19, fez emergir diversas mudanças e transformações no cotidiano das pessoas e, particularmente, no contexto universitário. O objetivo deste artigo/relato de experiência é realizar um debate sobre os desafios do exercício da docência em tempos de pandemia, assim como acerca do processo de construção do ensino remoto, considerando as vivências e experiências educativas e pedagógicas neste contexto. Para tanto, são apresentadas reflexões provenientes das vivências da docente/pesquisadora e autora do texto no ensino, na pesquisa e no desenvolvimento de projetos de extensão. A metodologia aqui utilizada propõe-se, para além de expor os resultados de uma pesquisa, a apresentar a experiência construída na docência-discência e, desse modo, afirmar que o que se torna relevante são os processos educativos tecidos ao longo do processo de aprendizagem construídos em tempos de pandemia. A discussão apresentada está orientada segundo o pensamento de Paulo Freire, considerando a relevância dos seus escritos para pensar a educação como prática de liberdade, um exercício que se constrói a partir do diálogo, da relação docência e discência, do ensino-aprendizagem e da natureza política e transformadora do processo educativo na Universidade em sua relação com a sociedade.

Palavras-chave: Docência. Discência. Ensino remoto. Universidade e sociedade. Paulo Freire.

LEARNING, AFFECTS AND CHALLENGES: TEACHING AND EDUCATION IN A COVID-19 PANDEMIC CONTEXT

ABSTRACT

The pandemic context, due to COVID-19, brought about several changes and transformations in people's daily lives and, particularly, in the university context. The purpose of this article/experience report is to debate the challenges of teaching in pandemic times, as well as the process of building remote learning, considering

* Doutora em Educação e Contemporaneidade pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). ORCID: 0000-0003-3795-3916. Correio eletrônico: feracatejo2@gmail.com

the educational and pedagogical experiences in this context. Therefore, reflections from the author's experiences in teaching, in research, and in the development of extension projects are presented in this text. The methodology used here proposes, in addition to exposing the results of the research, to present the experience built in teaching-learning and, in this way, to affirm that what becomes relevant are the educational processes that are created throughout the learning process which is built in pandemic times. The present discussion is in alignment with Paulo Freire's thinking, acknowledging the relevance of his writings in what comes to thinking of education as a practice of freedom, an exercise that is built from dialogue, the relationship between teaching and teaching, teaching-learning, and the political and transformative nature of the university's educational process in its relationship with society.

Keyword: Teaching. Learning. Remote learning. University and society. Paulo Freire.

APRENDIZAJE, AFECTO Y DESAFÍOS: ENSEÑANZA Y EDUCACIÓN EN UN CONTEXTO DE PANDEMIA COVID-19

RESUMEN

El contexto de pandemia, por COVID-19, provocó varios cambios y transformaciones en la vida cotidiana de las personas y, en particular, en el contexto universitario. El objetivo de este artículo/relato de experiencia es realizar un debate sobre los desafíos de la docencia en tiempos de pandemia, así como el proceso de construcción de la enseñanza remota, considerando las vivencias y las experiencias educativas y pedagógicas en este contexto. Por tanto, se presentan reflexiones de las experiencias del docente/investigador y autor del texto en la docencia, la investigación y el desarrollo de proyectos de extensión. La metodología aquí utilizada propone, además de exponer los resultados de una investigación, presentar la experiencia construida en la docencia-alumno y, de esta manera, afirmar que lo que cobra relevancia son los procesos educativos que se tejen a lo largo del proceso de aprendizaje construido en tiempos de pandemia. La discusión que aquí se presenta se basa en el pensamiento de Paulo Freire, considerando la relevancia de sus escritos para pensar en la educación como una práctica de libertad, bien como un ejercicio que se construye a partir del diálogo, de la relación entre profesores y alumnos, de la enseñanza y del aprendizaje, y de la naturaleza política y transformadora del proceso educativo en la Universidad en su relación con la sociedad.

Palabras clave: Docencia. Alumno. Enseñanza remota. Universidad y sociedad. Paulo Freire.

1 INTRODUÇÃO

A pandemia de COVID-19 trouxe para a humanidade inteira, em diferentes contextos e lugares, outras formas de tecer e de construir a vida. Para exempli-

ficar, desde meados de março de 2020, a insígnia “fique em casa” tornou-se algo presente no cotidiano das pessoas, significando o “ficar em casa” uma forma de garantir a integridade física. Frente a isso, o “ficar em casa” tornou-se um movimento acessível a poucos. Ao analisarmos de modo minucioso, sabe-se que para boa parte da população o “ficar em casa” só seria possível se houvesse políticas públicas que garantissem tal ato (o que não ocorreu de forma equânime). De toda forma, “ficar em casa” tornou-se algo necessário e urgente e, especificamente, um processo que implica cuidar de todos os protocolos de segurança e de cuidado com a vida: utilizando máscaras, realizando a higienização constante das mãos, usando álcool em gel e praticando o isolamento social. Por isso, neste processo de “ficar em casa”, os diversos modos de trabalho, dentre eles a docência, passaram a ser uma prática construída a partir das telas, mais precisamente, “de dentro de casa” para o mundo.

Diante disso, dentre as diversas tarefas desenvolvidas em tempos de pandemia, este texto pretende trazer à tona algumas reflexões sobre o processo de construir/fazer docência no ensino superior em tempos de pandemia, arguindo sobre os desafios, os enfrentamentos e também as possibilidades, em um contexto onde o diálogo em sala de aula deu lugar aos cliques, aos *chats*, aos fones e às câmeras, nas diversas plataformas possíveis de serem utilizadas e acessadas neste momento. Adicionalmente, existem os desafios de acesso à internet, por exemplo, um dilema real e, ao mesmo tempo, político, que influencia diretamente os desafios de conciliar e equilibrar os afazeres e a vida da casa com a vida da universidade. Isto é, este movimento nos colocou frente a frente com a discussão sempre necessária acerca da relação da universidade com a sociedade. Em particular, é importante destacar que, em tempos de desmonte da educação, a universidade e o seu fortalecimento com as lutas da sociedade têm sido fundamentais. Assim, trata-se, portanto, de resgatar a resistência e a dimensão política da educação.

De fato, a partir destas palavras iniciais, recordo Paulo Freire (2020, p. 25), quando afirma que “[...] não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro.” A memória desta relação entre docência e discência como algo indissociável, neste texto, tem grande relevância, na medida em que nos remete ao fato de que, ao falar da docência, estamos também falando da discência em sua dialética. Trata-se de uma relação e de um processo educativo tecido e construído a partir do diálogo, das trocas de saberes e da aprendizagem. Com efeito, a partir deste lugar, o presente texto vai emergindo, pois, em tempos de pandemia, o fortalecimento desta relação tem sido a partir da experiência aqui apresentada como um elemento-chave, ou seja, a qualidade e o grau de fortalecimento deste diálogo/relação podem contribuir, ou não, inclusive para o fortalecimento da relação entre a universidade e a sociedade. Nunca é demais lembrar que a universidade, enquanto espaço de construção de conhecimento, de lugar da pesquisa, é também um âmbito de compromisso ético e social com as lutas e reveses da sociedade. Assim, faz parte de sua missão envolver-se e comprometer-se com as lutas políticas, sociais e cotidianas das pessoas.

Em suma, na discussão aqui proposta, retomo as categorias docência, discência, ensino remoto, universidade e sociedade como elementos-chave para re-

fletir sobre os modos como os processos educacionais foram e têm sido tecidos no Ensino Superior, em contexto de pandemia. A conjuntura desta reflexão está ancorada na experiência em Universidade Pública, a partir de abordagens metodológicas ativas, participativas, colaborativas e criativas, cujo objetivo tem sido o de privilegiar o protagonismo dos estudantes como construtores de saberes, o favorecimento de aprendizagens colaborativas com uso de múltiplas linguagens e de ambientes virtuais com uma mediação docente propositiva para o acompanhamento da aprendizagem dos estudantes.

2 ENTRE A CASA, AS PALAVRAS E A TELA: DOCÊNCIA E DISCÊNCIA EM TEMPO DE PANDEMIA

Diante do espanto causado pela chegada da pandemia de COVID-19, dos medos e das inseguranças do momento, a Universidade começou a pensar em formas e modos de continuar desenvolvendo pesquisas e estudos imprescindíveis, principalmente no campo da saúde, cuja contribuição é, sem dúvida, relevante no enfrentamento dos desafios pandêmicos, sociais e políticos. Assim, à Universidade coube, ainda, articular o processo de ensino e extensão, resguardando, sobretudo, o direito à educação no ensino superior de qualidade, fazendo-se o uso de outras ferramentas de ensino. Posto isto, essas ferramentas começaram a ser descobertas e redescobertas por muitos docentes e pela Universidade em si. Por isso, como dito anteriormente, neste texto, parto da realidade construída na universidade pública, no desenvolvimento de projetos de extensão durante a pandemia e, sobretudo, na prática realizada “em sala de aula”, na aprendizagem em “ambientes virtuais” e na prática educativa em sua relação dialética entre ensinar e aprender.

Por esta razão, resgato três imagens importantes nesta discussão: a casa, as palavras e a tela. A partir destas três imagens, discuto a relação do ensinar e do aprender, assim como problematizo, a partir da experiência vivida nestes tempos pandêmicos, o modo como pude (dentro das possibilidades viáveis) fazer docência neste contexto. Precisamente, este “fazer docência” só tem sentido quando está relacionado com a experiência da discência, por compreender que “[...] ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos [...]”, mas, sobretudo, constitui um espaço de troca onde “[...] quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende, ensina ao aprender.” (FREIRE, 2020, p. 25)

Diante da primeira imagem (a casa), resgato a memória acerca deste lugar como lócus dos afetos. A casa como lugar dos afetos, o lugar da intimidade, das trocas familiares, do aconchego. A casa também tem sido o lugar dos desafetos, das contradições e até das violências. Por esta razão, o “ficar em casa”, para muitos, nestes tempos pandêmicos, foi e tem sido um grande desafio. Em particular, estudar e promover “aulas” também entra no rol de alguns dos desafios deste processo. Por conseguinte, a casa é o lugar onde “coisas da vida” e “cotidianas” intensamente emergem. Estamos falando sobre a comida sendo feita, dos brinquedos espalhados pela casa, da roupa que precisa ser estendida, das coisas que precisam ser feitas. A casa, antes lugar de descanso, para muitos tornou-se lugar de cansaços. Dentro de casa, a espreitar a vida pela janela, clicamos nos *links* e nas plataformas digitais para assistir a aulas, dar aulas, pesquisar, estudar e,

assim, quando as nossas casas, antes “ocultas”, emergem diante de nós, vemos e ouvimos cantos, gritos, barulhos inesperados, cenas escondidas, a vida nossa de cada dia estampada bem diante de nós. Exemplificando, recordo um dia, em plena aula de introdução ao trabalho acadêmico, em que, mesmo estando com a porta fechada, do outro lado o meu filho de quatro anos estava cantando em alto e bom tom, esperando que “a tal da aula” terminasse para que a gente pudesse brincar. A partir daquele dia, depois que os estudantes escutaram aquela cantoria, fiz questão de contextualizar as cenas da minha casa aos que estavam presentes nas “aulas nossas de cada dia”. Com efeito, trazer à cena o contexto, olhar o chão e aprender com os ensinamentos que o chão nos traz foi um dos primeiros aprendizados em tempos de ensino remoto.

Assim, comecei, então, a fazer uso das “palavras”. Resolvi escrever cartas aos estudantes, cartas afetivas, perguntando como estavam e como se sentiam. Para a minha surpresa, estas cartas/*e-mails* eram respondidas e se tornaram um lugar possível de encontro com o outro lado da tela. Em resumo, os encontros presenciais com mediação tecnológica tornam-se ainda mais virtuais ao percebermos que, muitas vezes, as câmeras dos estudantes não eram abertas e, frequentemente, o “encontro” era marcado por longos silêncios que pairavam no ar. Diante disso, comecei a observar que as cartas escritas de forma mais próxima, com perguntas e trocas, nos possibilitaram uma proximidade para construirmos o conhecimento a partir das vivências do momento presente. A seguir, um pequeno trecho de uma das cartas *e-mail*:

O motivo de escrever, e por isso em forma de carta, é saber um pouco sobre como vocês estão, o que estão fazendo, alegrias, dificuldades. Creio que este é um tempo de nos fortalecermos cada vez mais. Nesta carta que lhes escrevo, lembro que enviei algumas sugestões de leituras, mas certamente, o mais importante neste momento não são as leituras em si, mas o quanto podemos nos fortalecer, por isso me dirijo a cada um (a) no intuito de dizer que estamos juntos. (SILVA, 2020).

Considerando as respostas positivas em relação às cartas/*e-mails*, observei que era muito importante resgatar uma das premissas *freireanas* para o momento: “o direito de dizer a sua palavra”. Como eu poderia promover que cada estudante pudesse dizer sua palavra? Algumas telas permaneciam fechadas, a internet muitas e muitas vezes “nos deixou na mão”, e eu sabia, por experiência própria, que, na maioria das vezes, acompanhar as aulas estava atrelado a cuidar das coisas da casa. Por esta razão, sugeri que todos os dias, no início das aulas, fariamos o que chamei de “tertúlia literária”, concedendo que, neste momento, cada estudante pudesse ler o trecho de algo que nos últimos tempos estivesse lendo. Poderia ser poesia, música, recorte de algum artigo. A ideia era que esse trecho tivesse algo em comum com o contexto vivido no momento. Não seria obrigatório. Cada um poderia participar da “tertúlia literária” no seu tempo, sendo possível não participar. A escolha do texto que, inclusive, servia de pretexto para as nossas aulas, não precisava estar vinculada necessariamente aos textos das disciplinas ofertadas. Assim, aos poucos, as partilhas dos textos foram surgindo. Conceição Evaristo, Ailton Krenak, Bell Hooks, Maya Angelou, Paulo Freire, a música “Sujeito de sorte”, de Belchior, foram algumas das vozes que tomaram conta das nossas

aulas. O mais surpreendente foi perceber que os estudantes desejavam a chegada deste momento nas aulas, mas, sobretudo, de captar que, a partir desta experiência, as câmeras começaram a ser abertas e as trocas construídas.

Freire (2011, p. 19-20) nos aponta que a “[...] leitura do mundo precede à leitura da palavra [...]”, e, neste processo, a prática pedagógica encontra eco na prática política, ou seja, a decifração da palavra oportuniza a releitura da história e até mesmo uma leitura dos acontecimentos presentes. Efetivamente, a partir do momento em que os estudantes começaram a compartilhar os seus textos, a vida também foi apresentada, e, então, o diálogo como possibilidade de exercício do fazer discente e docente, do encontro entre ensinar e aprender, foi reverberado. Constate-se que, a partir do pronunciamento de palavras provenientes das poesias, dos trechos, dos recortes e das músicas de outros autores, tornou-se possível ecoar as vozes escondidas por detrás dos microfones e das câmeras, as vozes reais misturadas aos filhos sentados ao lado, as vozes das mães, dos pais, dos tios, dos avós, passando por detrás para “ver” se estavam acompanhando a aula mesmo, além de todo o movimento das casas do lado de lá.

Prosseguindo, a terceira imagem aqui apresentada é a tela, e dela emergem as possibilidades de fazer docência e discência em tempos de ensino remoto. A tela como ferramenta. A tela como lugar de encontro. A tela como lugar de espanto e medo. A tela como possibilidade de aprendizagem. Neste sentido, tem sido necessário significar o modo como são construídas e utilizadas as plataformas digitais, ou seja, para compreender de que modo os processos se organizam a partir desta ferramenta, quais são os entraves, os desafios, mas, sobretudo, quais são as potencialidades.

3 “FICAR EM CASA” E ESTAR NA UNIVERSIDADE: MOVIMENTOS E CONTRADIÇÕES

Naturalmente, no atual cenário de pandemia de COVID-19, instaurou-se um contexto de insegurança e de incertezas no que tange à docência universitária. Vimo-nos diante da experiência de aprender a utilizar as plataformas digitais, com vistas a aprender e desenvolver habilidades urgentemente necessárias para o ensino remoto. A pandemia nos mostrou que as Instituições e as Universidades Federais não estavam preparadas para lidar com as demandas tecnológicas e com outras formas de pensar o ensino superior. Neste movimento de mudanças, fomos convocados a (re)pensar as metodologias, as práticas pedagógicas, o processo ensino-aprendizagem (não mais na modalidade presencial) e a construção de outras perspectivas educacionais. A partir destas questões, “ficar em casa” e estar na universidade corresponde a movimentos atravessados por contradições. Estas contradições e a leitura destes movimentos podem ser, a partir de uma perspectiva crítica, horizontes que surgem em meio ao caos.

Por esta razão, faz-se importante destacar estes dois movimentos: ficar em casa e ao mesmo tempo estar na universidade. Dito isso, referencio, neste momento, o segundo movimento, visto que o primeiro já foi abordado. Como vimos, estar na universidade estudando, pesquisando, ensinando em tempos de pandemia trouxe diversas questões. Dentre elas, além dos elementos acerca de como este processo deveria acontecer, atrelado às dificuldades e ao despreparo para lidar com o ensino remoto, por exemplo, é importante retomar qual é o papel da

universidade na sociedade, e, sobretudo, inferirmos sobre como ela tem exercitado o seu papel na contemporaneidade. Não podemos esquecer que a Universidade, como bem público, tem como missão desenvolver o ensino, a pesquisa e a extensão com compromisso e responsabilidade social. Assim, é importante frisar que, recentemente, a crise da universidade está associada às políticas neoliberais, que, particularmente, nestes últimos anos, levaram ao total desmonte da Educação. Da mesma forma, o descaso do governo brasileiro com o setor pode ser bem vislumbrado nas ações de corte de recursos destinados à educação e no desrespeito à autonomia das Universidades.

Concretamente, as mudanças que pudemos acompanhar com a chegada da pandemia de COVID-19 afetaram significativamente o cotidiano das Universidades, seja no que tange ao ensino, à pesquisa ou à extensão. Na discussão que estamos construindo neste texto, é fundamental que nós, docentes e pesquisadores, possamos olhar nossos contextos e realidades com criticidade, para seguir pensando e refletindo sobre o impacto da pandemia em nossos cotidianos educacionais e universitários. Neste caminhar, recorro a natureza política do processo educativo proposto por Paulo Freire. Mais do que nunca, diante deste cenário, faz-se urgente compreender o processo educativo como ato político. Destarte, as perguntas acerca do direito à educação são retomadas: educação a favor de quem? Educação para quê? Estas são algumas perguntas que, no cenário de pandemia, pululam, gritam e estão escancaradas. Algumas cenas cotidianas de dentro de casa, estando na universidade, saltam aos olhos. Quantos estudantes durante este período, por terem suas bolsas científicas “cortadas”, por terem que retornar ao interior (quando estudam nas Universidades Federais dos Centros), por não terem recursos suficientes, não tiveram acesso, por exemplo, à internet para participar e acompanhar as aulas? Quantos projetos de extensão foram interrompidos, dificultando a possibilidade de a Universidade contribuir, efetivamente, com ações sociais e políticas nas comunidades locais e nos diferentes contextos e realidades? Quantas pesquisas e estudos foram interrompidos, também, pela falta de recursos?

Perante o exposto, não é possível pensar a educação sem que pensemos nas contradições do tempo presente, mas, também, faz-se necessário que, mesmo neste contexto, a Universidade se reinvente, resistindo a partir das vozes de docentes, dos discentes e de todo o corpo universitário que luta pelo direito à educação de qualidade, pelo acesso e pela permanência – esta última, construída a partir de práticas e iniciativas das Universidades em sua diversidade e heterogeneidade no cenário brasileiro. Diversos congressos, *lives*, webinários, chamadas públicas denunciando o desmonte da educação e, ao mesmo tempo, criando e recriando práticas pedagógicas possíveis. Aconteceram, também, inúmeras ações de docentes se reinventando neste processo, refazendo suas práticas e aprendendo novas metodologias e epistemes.

Por isso, este processo de criação e recriação dialoga com a dimensão de inacabamento proposta por Paulo Freire (2007). Trata-se, portanto, de refletir a prática docente e a prática pedagógica não como algo acabado, mas como um movimento dinâmico, onde prática e teoria se fazem e se refazem. Efetivamente, o momento de pandemia nos colocou frente a um constante fazer e refazer das nossas práticas dentro da “sala de aula virtual”, no contexto de desenvolvimento de pesquisas e estudos e no processo de construção das práticas extensionistas.

4 APRENDIZAGENS, AFETOS E DESAFIOS: VIVÊNCIAS UNIVERSITÁRIAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

O exercício da docência no Ensino Superior no contexto pandêmico da Covid-19 a partir do relato compartilhado neste artigo e do pensamento de Paulo Freire e suas contribuições para pensar a educação pode ser vislumbrado a partir do reconhecimento de aprendizados, afetos, trocas de saberes e, sobretudo, do enfrentamento dos desafios desde e a partir das vivências universitárias. Estas vivências e práticas têm sido consideradas aqui, a partir, por exemplo, do ensino remoto e das práticas tecidas neste contexto.

Quando pudemos nos deparar e estar diante da vivência de compartilhar conhecimentos, por meio de outro lócus, que não o presencial, iniciamos um processo de aprendizagem sobre os tipos de plataformas digitais disponíveis e acerca dos modos de operacionalização destas plataformas. Neste processo, entendi que era necessário, sim, aprender como utilizar tais ferramentas, mas, sobretudo, a não perder de vista o modo sobre como aquilo poderia afetar os meus alunos e as minhas alunas. Neste sentido, a escrita de cartas/*e-mails*, assim como a socialização de poemas, músicas, fragmentos de textos, foram pretextos para chegar aos estudantes e permitir que o encontro e o diálogo entre docente e discente pudesse se concretizar. Ao final do semestre, ao realizar uma avaliação sobre a didática e metodologia utilizada, de modo geral e de forma bastante positiva, os discentes avaliaram como muito significativa a escrita das cartas/*e-mails*, pois, a partir daí, sentiram-se à vontade para falar de si e sobretudo para se colocar à disposição no enfrentamento dos desafios que o processo de aprendizagem, em tempos pandêmicos, lhes provocou. Por outro lado, a avaliação acerca da “tertúlia literária” foi a de que estes espaços lhe permitiram “superar a timidez”, “ter coragem de abrir a câmera”, “conseguir falar minha voz abrindo o microfone”, elementos muito importantes no processo ensino-aprendizagem. Sentir-se à vontade para estabelecer trocas e compartilhar saberes.

De fato, durante o atual contexto pandêmico que se arrasta, muitas das nossas preocupações, enquanto docentes, têm sido a de nos apropriarmos de ferramentas tecnológicas. Tais ferramentas necessárias para o ensino remoto, neste cenário, não garantem sentido de inclusão, uma vez que as formas e os usos que podemos fazer da mediação tecnológica é que podem propiciar a conexão. Alguns dos meus alunos e alunas afirmaram que, durante os espaços e aulas iniciados com a “tertúlia literária”, por exemplo, sentiram-se incluídos no processo, percebendo que a “academia é também humanidade”. Este foi um dos relatos que mais me marcou neste processo. Um de meus alunos contou, ao final da disciplina, que estava descredenciado da Universidade e que, em contexto de pandemia, havia decidido deixar de lado o desejo de “se formar”. No entanto, quando pôde compartilhar na “tertúlia literária” um texto de sua escolha e tecer uma reflexão junto à turma, somado ao processo dialógico construído na disciplina, este começou a perceber que, afinal, “a academia é também humanidade”. Nos espaços de sala de aula virtual, é importante ter o domínio acerca das ferramentas tecnológicas, sim, mas, sem perder de vista a perspectiva de uma educação que seja atravessada pela amorosidade, como bem nos ensinou Paulo Freire. Esta amorosidade, quando compartilhada, pode proporcionar a dignidade coletiva e as utópicas esperanças

tão necessárias em contexto pandêmico. A amorosidade, na perspectiva de Paulo Freire, “[...] é vida, vida com pessoas, é qualidade que se torna substanciada ao longo de sua obra e vida” (FERNANDES, 2008, p. 37).

Ante o exposto a partir destas questões, aponto algumas luzes da prática construída desde esta experiência docente. Estas luzes se ancoram em aspectos do pensamento de Paulo Freire, os quais retomo aqui tendo como fundo a experiência aqui narrada. As luzes podem ser entendidas como inéditos-viáveis em tempos de pandemia. Os inéditos-viáveis, na perspectiva *freireana*, emergem a partir do reconhecimento das situações-limite, ou seja, daquele lugar onde as possibilidades parecem findar. Os inéditos-viáveis nos apontam as possibilidades e nos mostram que não há nada definitivo, pronto e acabado. Eles estão no campo dos sonhos coletivos, sonhos democráticos a serviço da humanidade em nós. Quando, em sala de aula, explico que tenho em casa duas crianças e que, provavelmente, elas me chamarão durante a aula, ou até irão cantar do lado de fora enquanto esperam “a aula da mamãe acabar”, de certa maneira, demonstro que minhas alunas-mães podem e devem também se pronunciar acerca de suas vivências. Comecei a perceber que, a partir do momento que verbalizava esta experiência, também estas alunas compartilhavam os desafios de estar “sendo mãe” e estudando dentro de casa. As situações-limite do momento vivido podem, igualmente, nos impulsionar a construir inéditos-viáveis. Neste texto destaco alguns destes inéditos viáveis: por uma docência afetiva e comprometida eticamente com os discentes; pelo direito a dizer a palavra e a vida em tempos de pandemia; por uma educação dialógica e transformadora na qual saberes são compartilhados; por uma educação política em que a universidade está a serviço e em comunhão com os desafios emergentes da sociedade contemporânea.

Em relação ao primeiro inédito-viável: por uma docência afetiva e comprometida eticamente com os discentes, resgato, a partir do pensamento e da obra de Paulo Freire, o quão urgente tem sido desenvolver e aguçar a curiosidade epistemológica, ou seja, não se trata apenas de aprender novas ferramentas tecnológicas e aprender o *modus operandi* destas tecnologias, trata-se, antes disso, de compreender que ensinar exige rigorosidade metódica, e isso significa questionar nossas certezas (FREIRE, 2020, p. 30):

Uma das *bonitezas* de nossa maneira de estar no mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo. Mas, histórico como nós, o nosso conhecimento do mundo tem historicidade, pois, ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho, e se dispõe a ser ultrapassado amanhã.

Uma docência comprometida com a discência exige de nós a pesquisa, impulsiona-nos a buscar a realidade e o contexto de nossos discentes, quais são seus saberes e vivências. A “tertúlia literária” foi, neste sentido, a partir da experiência aqui compartilhada, uma forma de buscar conhecer estas realidades. Certamente, estes espaços me permitiram ouvir e saber das angústias dos discentes e também trocar e compartilhar, numa relação dialógica, as minhas próprias experiências. Este movimento, na prática, foi um impulsionador daquilo que aqui denomino de segundo inédito-viável desta prática docente em tempos de pandemia: o direito a dizer a palavra e a vida. Pronunciar a palavra por meio

das poesias, das músicas, dos textos trazidos e escolhidos pelos alunos e, em seguida, o pronunciamento da própria palavra e da voz. Para Paulo Freire (1970) dizer a palavra verdadeira é transformar o mundo. Na obra *Pedagogia do oprimido*, a problemática em torno do conceito “dizer a palavra” é central, e neste o diálogo é o conceito principal. Desse modo,

Não há palavra verdadeira que não seja práxis, em especial no âmbito da educação dialógica. Dito de outra forma, dizer a palavra no âmbito da escolarização requer docência investigativa, pois necessita dos componentes prático e reflexivo. Logo, dizer a palavra verdadeira, como trabalho escolar, práxis socioeducativa, implica em transformar o mundo. (BASTOS, 2008, p. 144).

A palavra dita nunca é dita sozinha. Para dizer a palavra aos Outros é necessária a interação dialógica com os Outros, mediatizados pelo mundo, para, assim, pronunciá-la em todas as formas comunicativas possíveis. Quando a palavra é dita e compartilhada, constrói-se uma educação dialógica e transformadora, onde os saberes também são compartilhados. Este é o terceiro inédito-viável aqui apresentado. Mesmo utilizando plataformas digitais, é possível construir espaços educativos dialógicos e transformadores. O diálogo é a força que impulsiona o pensar crítico e problematizador. Os espaços de conversações, de perguntas e de leituras da realidade abrem caminhos para se pensar a vida em sociedade. A Universidade, enquanto lugar de construção de conhecimento, tem o compromisso de promover estes espaços de diálogos. Neste lugar, a docência comprometida ética e socialmente é também espaço para a construção da educação que transforme as realidades e os contextos; porém, para tal escuta, tais contextos. Assim, o diálogo implica uma *práxis* social que é o compromisso entre a palavra dita e ação humanizadora.

Por fim, o último inédito-viável trata da dimensão política da educação. Desse modo, lutamos por uma educação política onde a universidade está a serviço e em comunhão com os desafios emergentes da sociedade contemporânea. Ensinar, segundo Paulo Freire (2020), exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo. Esta intervenção significa o que Freire chama de politicidade da educação. Trata-se de estabelecer e fazer perguntas àquilo que se relaciona à educação como ato político. Qual a sua função? A serviço de quem? Para quem? Trata-se de problematizar as questões relativas à educação na contemporaneidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo propor uma discussão acerca dos desafios do exercício da docência em tempos de pandemia e, sobretudo, sobre o processo de construção do ensino remoto, considerando as vivências e experiências educativas e pedagógicas neste contexto. Busquei apresentar algumas reflexões provenientes das vivências da docente/pesquisadora no ensino, na pesquisa e no desenvolvimento de projetos de extensão. A discussão teve como pano de fundo o arcabouço teórico de Paulo Freire, principalmente no que tange a pensar a educação como prática da liberdade, o exercício do diálogo, a relação da docência-discência e, sobretudo, o processo de transformação que emerge a partir do processo educativo.

Durante a discussão, foram apresentadas situações e vivências que problematizam o campo da educação, principalmente quando construímos e tecemos os caminhos do ensino-aprendizagem em tempos de pandemia de COVID-19. Este cenário nos mobilizou a elaboração de estratégias e práticas educativas possíveis em contexto de isolamento social. Desse modo, concluímos que as aprendizagens são possíveis e criativas quando se consideram os afetos e desafios emergentes deste contexto. As vivências universitárias em tempos de pandemia ganham outro tom quando educadores, gestores, docentes, discentes e todos os atores que compõem a trama da educação se permitem e promovem a construção de espaços educativos afetivos e efetivos. Afetivos porque consideram e reconhecem as pessoas concretas, seu sentir, pensar, viver. Efetivos, pois, reconhecendo os desafios emergentes da realidade, do chão da universidade e do ambiente escolar, problematizam e, assim o fazendo, instigam e potencializam caminhos de transformação.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, Fabio da Purificação de. *Dizer a sua palavra*. In: STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 144-145.
- FERNANDES, Cleoni. *Amorosidade*. In: STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 37-38.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 63. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 1 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- SILVA, Fernanda Priscila Alves da. [Correspondência]. Destinatários: Estudantes matriculados na disciplina Introdução ao Trabalho acadêmico do semestre 2020.1, UFBA, 25 de maio de 2020. Assunto: Notícias sobre encaminhamentos da disciplina.

Recebido em: 13 jul. 2021.
Aceito em: 8 nov. 2021.